

História de lutas no bairro Resistência

A119877

ELIZABETH NADER/AT



A presidente do movimento, Ilda Gouveia, mostra as obras da sede

Novo centro comunitário

Os moradores de Resistência se preparam para comemorar mais uma vitória: a inauguração da sede do movimento comunitário, prevista para acontecer dentro de um mês.

A obra começou a ser feita no final de 1998, mas ficou paralisada até o final do ano passado, quando a comunidade conseguiu o apoio da Prefeitura Municipal de Vitória, de empresas privadas e de comerciantes para poder reativá-la.

A sede vai possuir um salão, cozinha, área de serviço, secretaria e dois banheiros. A intenção da diretoria do movimento é cadastrar os moradores e confeccionar carteirinhas para que eles possam utilizar as dependências do lugar.

Depois de pronto, a próxima luta vai ser para conseguir doações de móveis e utensílios. "Nós queremos oferecer cursos de informática, inglês, formação de garçons, além de palestras para adolescentes", contou Ilda Gouveia, presidente do movimento.

Ela avisou que haverá uma grande festa para inauguração. Enquanto a sede não fica pronta, as reuniões acontecem na igreja Nossa Senhora Aparecida. Hoje, às 19 horas, haverá reunião para discutir a limpeza pública.

A igreja é muito importante

na vida do bairro, principalmente para as crianças. Através da Pastoral da Criança, muitas já se recuperaram da desnutrição e hoje estão saudáveis.

De acordo com o líder da pastoral, Alci Teixeira, quando o trabalho iniciou, 120 crianças precisavam de ajuda. Atualmente, o número foi reduzido para 47.

"Nós visitamos 27 famílias, orientamos as mães sobre os cuidados com as crianças e fornecemos a multimistura para as que estão precisando se nutrir mais", contou Alci.

Outro projeto que ajudava 250 crianças e adolescentes era o "Vale da Esperança". Desativado há um ano, ele era responsável pela educação e lazer dos pequenos de Resistência.

Na área da Saúde, o Vale da Esperança fornecia atendimento médico, promovia palestras educativas e fazia um controle trimestral de peso e medida dos participantes.

O sonho da comunidade é retomar o projeto, que foi extinto por falta de recursos financeiros. Quem puder ajudar, deve procurar por Ilda Igígio Gouveia, pelo telefone 324-8312. A sede do Vale da Esperança fica na rua Novo Horizonte, s/nº.

O bairro era chamado de São Pedro VI e fez parte da última ocupação coletiva da região. Houve quebra-quebra e prisões

Não poderia haver um outro nome para o bairro Resistência, em Vitória. A trajetória da comunidade foi marcada por lutas pela posse dos terrenos e até pela sobrevivência. Hoje, os moradores se orgulham por terem resistido às ameaças de morte e às brigas do passado.

A ocupação da área de mangue da região da Grande São Pedro começou na década de 70, quando várias famílias se instalaram em barracas de lona e iniciaram a construção de palafitas.

Resistência, antes São Pedro VI, fez parte da última grande ocupação coletiva que aconteceu em maio de 1983, inicialmente no loteamento Floresta da Ilha.

Todo o processo de invasão continua vivo, 17 anos depois, na memória dos moradores. A presidente do Movimento Comunitário, Ilda Igígio Gouveia, lembra-se exatamente do dia de um dos primeiros conflitos pela área: 30 de setembro de 1983.

"Nesse dia teve um quebra-quebra, veio a polícia e levou muita gente presa. O homem que se dizia dono do loteamento invadido, conhecido como Cachimbão, mandou seus capangas para cá para derrubarem os barracos".

Segundo Ilda, na época da invasão, uma família chegou a ser seqüestrada e assassinada. "O morador se chamava Ronaldo Soares. Ele e a mulher foram assassinados



e nós colocamos o nome da escola em sua homenagem".

De noite, era difícil para os invasores pegarem no sono. Além do medo de represálias do proprietário dos lotes, eles temiam que seus barracos – a maioria de madeira e lona – pegassem fogo por causa das velas utilizadas para iluminação.

O comerciante Adilson da Silva, 46, conhecido como Tiló, disse que não dormia: "Quando cheguei aqui, coloquei quatro pedaços de pau, cobri com eternit e cerquei com lona. Meu filho mais novo tinha três meses e eu ficava acordado tomando conta do barraco para os capangas não nos fazerem mal".

Quem invadiu um pedaço do mangue ainda teve que conviver com o lixo utilizado para aterrar o lugar, que além de restos domésticos, incluía ossadas humanas.

"As pessoas ficavam em pânico com os ossos e crânios. Era lixo de cemitério. O bairro era muito carente, muitas famílias passavam fome e quem tinha um pouco, dividia com os outros", contou Ilda. A situação melhorou há cerca de nove anos, com a urbanização.

IMPERDÍVEL

Carro zero km

a partir de

R\$ 224,⁵⁰ mensais

CONSÓRCIO VIVA
Confiança é tudo

Grande Vitória: 200-2900
Cachoeiro: 522-4633
Aracruz: 256-1242
Colatina: 721-1110
São Mateus: 763-1574